

Reunião dos ricos discute dívida e adverte Brasil

ANY BOURRIER
Correspondente

Telefotos AP

PARIS — A suspensão de pagamento da dívida externa brasileira e suas consequências para os países credores entraram, como se previa, na pauta do encontro dos Ministros das Finanças dos países mais ricos do mundo, que se reuniram no fim de semana em Paris. Embora o objetivo da reunião fosse principalmente chegar a um acordo quanto à cotação do dólar nos mercados cambiais, a crise financeira do Brasil foi um dos pontos mais importantes da discussão dos Ministros, segundo Edouard Balladur, da pasta das Finanças da França.

— Há alguns anos que estamos encontrando dificuldades periódicas com alguns países devedores e só Deus sabe como o Brasil é uma nação importante no contexto econômico mundial. Porém, até agora resolvemos a questão caso por caso. É inegável que as dificuldades do Brasil nos preocupam, por causa do papel considerável que este País tem, por isto vamos ver em que medida poderemos contribuir para solucionar a crise brasileira. Contudo, nosso enfoque continuará sendo resolver as dificuldades de pagamento na base de caso por caso, pois não se chegou a um enfoque do problema — afirmou o Ministro após o encerramento da reunião.

Preocupados com a estabilidade do dólar, cuja cotação irregular tem atualmente consequências negativas para a economia dos países europeus, os Sete Grandes, que terminaram a reunião reduzidos a seis por causa da ausência da Itália, limitaram-se a analisar a questão do endividamento de modo formal.

No parágrafo oitavo do comunicado final da reunião, os Ministros das



A reunião dos ministros de finanças das nações ricas examinou as últimas decisões brasileiras sobre a dívida

Finanças dos países ricos mandam um recado severo para o Governo brasileiro, ao afirmar que os "Ministros e Diretores dos Bancos Centrais presentes destacaram o fato de que determinado número de países, cujas economias estão em fase de industrialização, têm um papel cada vez mais importante no comércio mundial. Graças ao crescimento, tais países conseguiram ter acesso a mercados externos. Alguns, acumularam excedentes comerciais que contribuíram para o desequilíbrio atual, provocando assim medidas protecionistas. Portanto, os Ministros e Governadores dos bancos centrais

consideram fundamental que os países recém-industrializados assumam maior responsabilidade na preservação do sistema mundial de intercâmbio aberto, reduzindo as barreiras comerciais e aplicando políticas que façam suas moedas respectivas serem um reflexo mais completo dos indicadores econômicos fundamentais."

Desta maneira, os Ministros das Finanças dos principais países que têm Direitos Especiais de Saque no Fundo Monetário Internacional (FMI) deixaram para mais tarde a análise séria do problema da dívida

externa do Terceiro Mundo, contendo-se desta vez com fórmulas abstratas.

O que mais os interessava, na verdade, era chegar a um acerto sobre a cotação do dólar. O comunicado afirma, aliás, que os "Ministros e Governadores reconheceram que novas variações substanciais da cotação de suas moedas respectivas poderiam comprometer o crescimento e as perspectivas de ajustamento de suas economias. Eis porque decidiram, nas circunstâncias atuais, cooperar a fim de estabilizar as taxas de câmbio nos níveis em vigor".

De fato, o principal objetivo dos



Ministro da Itália, Giovanni Goria

países ricos foi provisoriamente alcançado, pois a taxa do dólar — que perdeu 46 por cento de seu valor em dois anos — vai segurar-se em torno dos seis francos franceses e 1,83 marcos alemães, o que significa uma vitória dos Estados Unidos, para os quais somente uma taxa moderada do dólar poderá facilitar a redução do déficit da balança comercial e, indiretamente, do déficit orçamentário.

A única concessão de Washington aos europeus foi a promessa de James Baker, Secretário do Tesouro, de reduzir as medidas protecionistas do governo americano diante das

pressões dos europeus, que consideram tais medidas destinadas ao fracasso, pois elas não resolvem os problemas econômicos dos Estados Unidos.

Quanto ao resto, o comunicado final da reunião de Paris mais parece uma carta de intenções, cujo cumprimento pode ser desde já questionado: basta mais uma suspensão de pagamento de uma nação endividada para que a estabilidade cambial do dólar, o belo castelo de cartas construído ontem no Ministério das Finanças da França, desmorone.

O governo italiano manifestou desistência de cedo seu ceticismo. E recusou-se a fazer parte de uma reunião que, segundo porta-voz do Ministério da Fazenda da Itália, "já estava decidida com antecedência, para atender aos interesses dos Estados Unidos". O representante italiano, que veio a Paris porque seu país faz parte do Grupo dos Sete, julgou que o jogo tinha cartas marcadas e retirou-se sábado da mesa de negociações. Já os alemães, de quem foram exigidas diversas medidas econômicas para aumentar o consumo interno, não puderam escapar da chamada solidariedade ocidental e concordaram, com reticências, a "diminuir a pressão fiscal para aumentar o consumo e os investimentos". Coube aos japoneses, cujo superávit da balança comercial é fabuloso, prometer também que "a demanda interna será incentivada para reduzir o superávit de suas exportações", como informa o comunicado final da reunião dos seis países mais ricos do mundo.

● ALAN GARCIA — O Presidente do Peru, Alan Garcia, saudou como histórica a decisão brasileira de suspender o pagamento dos juros da dívida externa. O chefe do governo peruano disse que a medida demonstra que posição semelhante adotada pelo seu próprio país "não era violenta, emocional ou descabida".